

## ESTUDOS LITERÁRIOS

WOJCIECH CHARCHALIS

Universidade Adam Mickiewicz, Poznań

wcharchalis@net.sapo.pt

### PESSOA E SARAMAGO – DIÁLOGO DE ERUDITOS

Abstract. Wojciech Charchalis, *Pessoa e Saramago – diálogo de eruditos* [Pessoa and Saramago – an erudite dialogue], *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz University Press, Poznań, vol. XL/1: 2013, pp. 3-14. ISBN 978-83-232-2542-3. ISSN 0137-2475. eISSN 2084-4158.

Portugal has been always on the periphery of the main history, also the literary history, so that in order to go out of the localism of the poetry, F. Pessoa created a group of poets whose purpose was to create a modern Portuguese poetry. José Saramago, going in the same direction dozens of years later, seems to have been a slave of the concept of portugality created by F. Pessoa. Both authors are interconnected in a surprising way, as if one could not exist without the other. Saramago's novels are influenced by Pessoa's literary creation, like a great part of the contemporary Portuguese literature, both poetry and prose. The paper depicts the influence of F. Pessoa on J. Saramago and discusses the phenomenon of portugality and the role of Pessoa in its formation.

Keywords: Portuguese literature, Saramago, Pessoa

“Não há fuga possível de Pessoa”, foi titulada uma das críticas dum romance português da nova geração<sup>1</sup>; desde a publicação do *Livro do desassossego* de Fernando Pessoa em 1982<sup>2</sup> a literatura portuguesa em abundância tira proveito do excêntrico lisboeta, procurando nos seus poemas e na sua prosa uma inspiração dos temas, de estilo ou filosofia. Sem dificuldade na prosa ou poesia moderna podemos encontrar provas deste fascínio, até tal ponto presentes que já é difícil estabelecer se é Pessoa um fenómeno

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma crítica de *Nenhum Olhar* de J.L. Peixoto no jornal polaco “Dziennik” de 17 de Outubro de 2008.

<sup>2</sup> Pessoa durante a sua vida publicou pouco, sobre tudo na prensa literária. Toda a sua obra está a ser publicada em forma de livros a partir da primeira edição em 1942 até hoje, quando a editora lisboeta Assírio & Alvim prepara a totalidade da herança de Pessoa. Os marcos miliários da publicação da sua obra foi a edição da sua biografia por João Gaspar Simões em 1950 e preparação da edição crítica da autoria de Adolfo Casais Monteiro, *A Poesia de Fernando Pessoa* em 1985. A moda de Pessoa começou mesmo nos anos 80 do séc. XX, depois do período de neorrealismo, realismo socialista e surrealismo dominantes na literatura portuguesa dos tempos do salazarismo.

que exerce uma influência na literatura contemporânea do seu país ou antes o próprio autor é uma cristalizada encarnação do puro espírito português, do génio português que concentrou-se nele como num lente, libertou-se e encarnou-se nele com a mais potente das forças e intensidade, limpando a passagem, abrindo o caminho aos seus sucessores, os quais tal como Fernando Pessoa criam as obras completamente embebidas em portugalidade. Em todo caso, na prosa contemporânea, e mais ainda na poesia, há muito de Pessoa, onde quer que olhemos, este autor mostra um dos seus rostos dentre os versos de quase cada um dos textos, de modo omniforme desliza entre os textos, imagens, metáforas, com uma careta irónica, acarinhando o seu grande – ou antes multipersonal – ego.

E não tem nada de estranho, porque Pessoa praticamente sozinho criou em Portugal a poesia moderna, apoiado só pela caterva dos seus heterónimos. Antes não apreciado na vida, conhecido mais como um excêntrico que um grande poeta, além de publicar na prensa literária de cariz bastante efêmero<sup>3</sup> até a sua morte publicou tão só um tomo de poesia, *nota bene*, na minha opinião não muito bom, em comparação com o resto da sua obra<sup>4</sup>, deixando a maioria dos seus apontamentos, mais ou menos trabalhados, à posteridade, fazendo com que os aficionados do grande excêntrico até hoje em dia investigam a sua obra e não param de publicar as suas obras novas, a pesar do facto de que da morte do autor passaram já 77 anos. Não será esta uma razão suficiente para aparecer na cara do poeta um sorriso irónico, talvez de pena de nós, das pessoas que se fascinam com alguns apontamentos feitos rapidamente em guardanapos há tantas dezenas de anos? Sem dúvida vagueia pelos lábios de Fernando Pessoa um sorriso vanglorioso, um sorriso de contentamento e de um orgulho cheio de ironia ao confirmar que afinal a sua vida dedicada a poesia, vida definitivamente cheia de prosa e absolutamente não da melhor – solidão, alcoolismo, falta de compreensão nos contemporâneos – teve sentido, afinal resulta que sempre foi um génio! Mesmo tendo demonstrado as suas dúvidas em diversos sítios de que o seu fado se possa cumprir, mesmo tendo-lhe faltado fé enquanto lutava contra a sua própria fraqueza de ânimo, desgosto e falta de sentido do seu trabalho literário.

Pessoa deu vida a três heterónimos e meio, parece que inventou mesmo uma multidão de poetas que escreviam em seu nome (Serão eles 72<sup>5</sup>, como querem os

<sup>3</sup> Pessoa é cofundador ou publica as suas obras nas revistas de vanguarda *A Águia*, *Renascença Portuguesa*, *Presença*, *Orpheu*, *Athena*.

<sup>4</sup> Trata-se de *Mensagem*, pela qual recebeu em 1934 o Premio de Secretariado de Propaganda Nacional.

<sup>5</sup> Visitando ultimamente (outubro de 2011) Cracóvia, o tradutor e editor de Pessoa Richard Zenith numa conversa privada gabava-se que estando em Durban descobriu dois heterónimos desconhecidos de Pessoa, que publicaram alguns poemas na prensa de ali. Por tanto são pelo menos 74, mesmo que a informação ainda não seja oficial. No entanto, Cavalcanti (2012: 329-396) fala de existência de um total de 207 heterónimos, 127 dos quais cita com nomes e respetivas biografias, por tanto o número definido de heterónimos depende de critérios de definição. Não cabe a dúvida que os heterónimos relevantes são os três mais famosos e Bernardo Soares considerado meio heterónimo por Pessoa (na famosa carta sobre a origem dos seus heterónimos a Casais Monteiro do 13.01.1935), e os restantes na sua grande maioria carecem de interesse.

escrupulosos contadores? Ou talvez 150? Ou 366 – um para cada um dia do ano? Será intencional este número, como seria conveniente no caso dum aficionado da cabala, numerologia, ocultismo e em geral da esotérica? Ou será antes um fruto de uma feliz coincidência, um número casual, fortuito, surgido dum cosmos envolto num caos profundo?), mas criando o seu «grande teatro do mundo», conseguiu uma coisa ainda maior, maior e talvez surpreendente para si próprio. Eis, lendo a contemporânea literatura portuguesa o leitor pode ter impressão que quase toda ela – ou pelo menos a sua parte substancial – está escrita pelos heterónimos de Fernando Pessoa. A influência deste autor nos autores presentes é tão penetrante e tão evidente que é extremamente difícil deixar de pensar – parafraseando Álvaro de Campos – que os autores neste mundo não sejam apenas canetas com tinta com as quais Pessoa escreve a valer, dando risotas brinca com eles, traça as histórias com os autores, escreve todo o cosmos. Quantos escritores, tantos heterónimos. Pessoa viceja, redobra-se, diversifica-se, pluraliza-se, multiplica-se, congemma-se, desenvolve-se, aumenta, globaliza-se, totaliza-se e cerca-nos com a sua onnipresença, envolve-nos com a sua onnipotência, torna-se deus de literatura, deus-literatura, Deus, Literatura! Ou nas suas próprias palavras talvez seja tão só

O Arco de Triunfo da minha Imaginação [...]

Sou a figura triunfal que olha do alto do arco,  
Que sai do arco e lhe pertence,  
E fita quem passa por baixo elevada e suspensa,  
Monstruosa e bela. (Pessoa, 2002: 235)

Sim, não se pode fugir de Pessoa. Os que penosamente sofrem ao ler a obra deste autor, definitivamente devem adiar o encontro com a mais recente criação literária portuguesa, criação literária de um autor.

José Saramago não é exceção desta regra, o Nobel português, o escritor colocado na trindade literária lusitana ao lado de eminentes Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa (e qual destes dois é maior, qual será o verdadeiro deus da literatura portuguesa? Porque não tenho dúvida que Saramago, sendo um heterónimo de Pessoa, pode ocupar quanto mais o lugar do espírito santo.) Saramago é Pessoa, porque tem de sê-lo, no seu aqui e agora não tem outra saída possível, mas ao mesmo tempo está completamente consciente deste facto, admite-o com benevolência, aceita este facto com um fatalismo português mesmo exemplar, mas também com – de forma nenhuma portuguesa<sup>6</sup>, mas tão típica a Pessoa – grande dose de autoironia. A análise do estilo e dos temas dos romances do Nobel português, comparação deles com a obra de Pessoa, de forma indiscutível – para mim, evidentemente – provam a verdade dos enunciados categóricos acima expressados.

Praticamente todos os romances de Saramago são quase o mesmo texto. Sem dificuldade podemos distinguir uma série de elementos: temas, assim como técnicas

---

<sup>6</sup> Pessoa dizia que os Portugueses são uma nação incapaz de sentir ironia (Pessoa, 1985: 336).

que confirmem este ponto de vista. Não vamos concentrar-nos na forma, cada qual consegue ver como ela é, além disso já se escreveu bastante sobre este assunto, chega dizer que Saramago cria o estilo de cada um dos seus romances segundo os mesmos, invariáveis princípios<sup>7</sup>. Definitivamente mais interessante é o modo de construção da história. O romance de Saramago é uma história dum homem maduro, por volta dos seus cinquenta anos, divorciado, atormentado pelo tédio da vida, ou antes pela sua rotina e falta de sentido, pela futilidade e esterilidade da existência, o qual de repente e inesperadamente consegue fazer uma coisa surpreendente, aparentemente absurda, em cada romance diferente mas sempre é uma coisa que causa uma destruição do antigo esquema, ao mesmo tempo criando possibilidades de passagem a uma vida nova, mais plena, mais atrativa, a uma vida dum homem verdadeiramente maduro, consciente do seu aqui e agora, que consegue escolher, tomar decisões e por isso mesmo haure disso a segurança de si próprio e forças. Assim é, por exemplo o H. no *Manual de Pintura e Caligrafia*, Raimundo Silva na *História do Cerco de Lisboa*, o senhor José em *Todos os nomes*, Cristo no *Evangelho segundo o Jesus Cristo*, cada um dos três masculinos protagonistas da *Jangada de Pedra*, mesmo que aqui o momento crucial da história, os acontecimentos que destroem o esquema não saem desde dentro das personagens mas são de certa forma impostas de fora por uma força completamente não identificada, Tertuliano Máximo Afonso no *Homem Duplicado*, Baltasar no *Memorial do Convento*, Ricardo Reis no *Ano da Morte de Ricardo Reis*, o polícia no *Ensaio sobre a Lucidez*, etc. Será um abuso declarar que todos os livros de Saramago tratam do mesmo assunto, mas não podemos não estar de acordo que os romances acima referidos estão construídos segundo o mesmo esquema. Cada um dos homens indicados, no princípio do romance leva uma vida fútil, desprendida de sentido e durante o desenvolvimento da trama, Saramago pinta perante o leitor o processo do seu amadurecimento; cada um dos romances de alguma forma é uma exegese deste processo. Invariavelmente cada um destes ciclos está apoiado ou até podemos dizer que assistido ou vigiado por uma mulher e às vezes até aparece um cão de evidente apoio à mulher, o qual de alguma maneira simboliza um apostolado de forças sobrenaturais, ou então é um bom espírito que vigia a metamorfose do homem. Tanto a mulher como o cão são um elemento do apoio, um elemento de construção, imprescindível para o acontecimento das mudanças em descrição, mas fora disto eles não trazem consigo nenhum sentido, mais, as personagens femininas apresentadas parecem não ter a vida própria e se a tem, costumam ser mulheres de limpeza, secretárias, com menos frequência ocupam-se de coisas mais interessantes, mas inevitavelmente têm uma posição social não muito mais exposta. O que é fundamental, é que as mulheres caracterizam-se por uma bondade imanente, por uma sa-

---

<sup>7</sup> Talvez com a diferença que no seu último romance, *A Viagem do Elefante*, levou até ao extremo a economia da ortografia e usa as letras grandes unicamente para marcar o princípio da oração e para introduzir diálogo, não aplicando a maiúscula para os nomes próprios, por tanto o autor definitivamente passou de escrever romance a estenografar as histórias.

bedoria, resultante da intuição, daquilo que é bom na vida, daquilo que é sábio, belo, importante. Elas próprias podem ter vida de rastos e absolutamente não conseguir arranjar-se – como por exemplo Joana Carda – mas estão apresentadas como umas pessoas cheias de calor e compreensão, Madonas que através dos meandros da vida levam a um garoto perdido de 50 anos. Temos aqui uma evidente imagem de mulher como santa, escolhida, enquanto o resto das mulheres está tratado de forma utilitária, o que também não falta nas páginas dos romances do Saramago, já que este dualismo é típico aos homens criados nas culturas machistas.

Este, no entanto, é um tema para um outro artigo, não vamos aprofundar este assunto, chega dizer que um embrião duma personagem assim poderia ser também Ophélia Queiroz, com a qual Pessoa no seu tempo manteve um romance epistolar efêmero. No entanto, Ophélia não concretizou nenhuma mudança no Nandinho, porque o Nandinho ainda não cresceu o suficiente para sofrer uma transformação, ainda não estava preparado, por isso permitiu que no caminho à felicidade dele e do seu Bebezinho – assim como no caminho da sua metamorfose – aparecesse o vil Álvaro de Campos<sup>8</sup>.

Seja como for, todas as personagens de Saramago são unicamente mal traçadas, esboçadas, desprendidas de adornos, rasgos de cor, restringidas tão só aos elementos básicos que permitem diferenciá-las, são como protagonistas dum teatro de sombras chinês: planas, esquemáticas, equipadas unicamente com os atributos simbólicos, preparadas a atuar no papel a partida preparado e – tal qual eles – esquemático.

No fundo Saramago escreve estes textos sobre si próprio. Desde o princípio, desde o livro considerado o mais autobiográfico de todos os seus romances, o *Manual de Pintura e Caligrafia*, no qual o protagonista principal, escondido baixo a inicial H., aborrecido com a repetição *ad infinitum* dos retratos *kitsch* de burguesia lisboeta, decide deixar tudo de vez e começar uma vida nova. O H., como já mencionámos acima, é um homem que se aproxima aos seus cinquenta anos, o qual no seu livro de memórias/romance/caderno/livro de apontamentos – em geral no texto que está a escrever – pensa sobre o sentido da expressão artística, o que se pode transpor ao mais geral pensamento sobre o sentido da existência. O narrador deste romance prova que cada texto é autobiográfico e Saramago depois provou a verdade desta anunciação, mimeografando, repetindo a mesma – como já escrevi acima, trata-se do mais autobiográfico dos seus romances – história em quase todos os seus romances seguintes.

Acima declaramos que Saramago está exposto a uma prepotente influência de Pessoa e não retrocedemos agora, no entanto, gostaríamos propor uma consideração da personagem do poeta através do prisma dos romances de Saramago. Eis, de forma absurda resulta que seria difícil encontrar uma personagem mais típica para o mundo dos romances de José Saramago de que Pessoa. Até poderia parecer

---

<sup>8</sup> Pessoa encarando o aprofundamento de relação com a Ophélia, o qual aparentemente não estava muito ao seu agrado, encarregou a Álvaro de Campos a obrigação de resolver este “problema” através de escrever uma carta adequada (Cohen, 2002: 22).

que Fernando Pessoa é mais um dos protagonistas de Saramago. Tudo o que temos escrito até agora sobre os heróis dos romances de Saramago está de forma perfeita compatível com a imagem do poeta que surge de fotografias, poemas e cartas. Pessoa é um homem absolutamente unidimensional, dedicou toda a vida a literatura, frequentemente repetia que a sua criação literária tem para ele o papel primordial. Para além de trabalhar no escritório, escrever, beber e fumar não fazia completamente nada, pelo menos não se sabe nada sobre o assunto – por tanto levava assim chamada vida literária, no entanto desprendida do elemento sexual, já que segundo aquilo que se sabe, nada parecido a uma vida sexual não teve lugar na vida do poeta. Não se pode dizer que Pessoa viveu com a plenitude de viver; ele próprio parece uma personagem de um teatro de sombras chinês, dotado tão só com os atributos básicos, imprescindíveis para atuar no seu papel, com a sua literatura. Em que difere Fernando Pessoa de Raimundo Silva, o qual lentamente rumina a sua sorte ao ritmo das frases dos textos que está a corrigir, e do senhor José, funcionário do arquivo que agita-se na armadilha da sua solidão, e do Tertuliano Máximo Afonso – ante tudo dele! – que rasteja por uma grande cidade os seus sócias, para não dizer heterónimos? Até mesmo o apelido do poeta está despojado de todos os significados, «pessoa» é «alguém», quer dizer ninguém em concreto<sup>9</sup>. Será mesmo que Pessoa não é uma personagem inventada por Saramago, uma das encarnações do processo de amadurecimento do genial prosador? Genial até tal ponto que inventou a personagem de um poeta, a qual influiu em totalidade da sua escrita e de todos os seus contemporâneos, sem a qual não poderia existir a sua obra. Resulta, por tanto, que não só Saramago é Pessoa mas também Pessoa é Saramago, mesmo que neste segundo caso a identificação não seja plena.

A única diferença que consigo ver entre as fictícias personagens de Saramago e o poeta – ao qual afinal não inventou, mas isto só porque antes este trabalho já ficou feito por fortuna/fado/destino/providência/deus/Deus – é tal que Pessoa não conseguiu sofrer a sua metamorfose. Aceitemos que o H. do *Manual de Pintura e Caligrafia* é Saramago – o que não só não é uma revelação mas é bem sabido e considerado evidente por todo o mundo. Por tanto, quando o H. em 1973 começa escrever as suas impressões sobre a escrita e pintura, tem 51 anos, quando o livro está a ser publicado tem 55, enquanto Pessoa morre nos seus 47, como homem – o que provam os seus poemas e cartas – imbuído numa cansativa rotina, mas ele ainda não está capaz de opor-se a ela. Se tivesse conseguido viver uns anos mais, quem teria sido esta mulher que lhe teria mostrado o caminho, que lhe teria posto fora do perigo da cirrose e qual das escolhas teria feito o poeta bêbado revoltando-se contra o seu fado? Que história fascinante teria escrito sobre ele José Saramago, se realmente tivesse conseguido inventar a Pessoa antes que isto ficou feito por fortuna/fado/destino/providência/deus/Deus?

---

<sup>9</sup> Parece que Ophélia Queiroz nas suas cartas chamava ao poeta em francês Ferdinand Personne, quer dizer, ninguém (Cohen, 2002: 22).

O rasgo comum destes dois escritores é também o gosto pela ironia. Saramago como Caeiro observa o mundo, é o seu contemplador e às vezes comentador, como Álvaro de Campos de vez em quando está irónico – o que, como dissemos acima com as palavras de próprio Pessoa, não é típico para a nação portuguesa. Ironia é um dos elementos que unem a criação destes dois autores. Talvez não seja muito perceptível mas está constantemente presente tanto em Pessoa como em Saramago. No caso deste primeiro está especialmente visível no mais histérico e o mais sensível dos heterónimos<sup>10</sup>, Álvaro de Campos (também o mais natural nas suas enunciações, por tanto parece que o mais emocionalmente parecido a próprio Pessoa), já que Caeiro está desprendido de sentimentos, Reis é demasiado pomposo e intelectual para introduzir ironia nos seus textos e o próprio ortónimo concentra-se mais na forma e evita a expressão de emoções. Um dos melhores exemplos de ironia ou até autoironia de Álvaro de Campos são alguns dos seus sonetos ou o poema que começa com as palavras “O binómio de Newton”:

O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo.  
O que há é pouca gente para dar por isso.  
(Álvaro de Campos)

uuuu-uuuuuuuuuu-uuuuuuuuuuuuuuuuuu  
(*O vento lá fora*) (Pessoa, 2002: 587)

Casos de ironia de Saramago há muitos e aparecem com muita frequência, como contrabalança para umas sérias divagações, pensamentos e metáforas, fazem o texto atrativo, são um elemento do humor o qual podíamos chamar um «humor sonso». Como exemplo da ironia e humor de Saramago vou citar um fragmento do *Manual de Pintura e Caligrafia*, onde o narrador confessa:

Diziam os críticos (no tempo em que de mim falaram, breve e há muitos anos) que estou atrasado pelo menos meio século, o que, em rigor, significa que me encontro naquele estado larvar que vai de concepção ao nascimento: frágil, precária hipótese humana, ácida, irónica interrogação sobre o que farei sendo. «Por nascer». Algumas vezes me tenho demorado a refletir sobre esta situação, transitória para o geral das gentes, em mim se tornou definitiva [...] (Saramago, 1998: 2)

Uma questão seguinte que nós faz supor que no fundo Pessoa e Saramago são *nomen omen* a mesma pessoa é uma obsessiva concentração em si próprio, evidente e de primeiro plano tanto no caso de um autor como doutro. Escrevemos acima que quase todos os romances de Saramago repetem a história do *Manual de Pintura e Caligrafia*, a qual do seu lado é uma apresentação autobiográfica de caminho que o levou a literatura e a consciência política, por tanto do amadurecimento. Uma dúzia de romances dedicados a si próprio, que giram em volta da pessoa, é uma digna

<sup>10</sup> Admite isso o próprio Pessoa na famosa e muitas vezes citada carta a Casais Monteiro do dia 13 de Janeiro de 1935 (Pessoa, 2007: 417-425).



apresentação de egocentrismo. Toda a criação de Pessoa também gira em volta do seu próprio eu, em volta dos próprios sentimentos, vida e missão. Existem montes de exemplos, citações nas quais o poeta *expressis verbis* apresenta o seu papel e importância da sua pessoa para o desenvolvimento da cultura e civilização, por exemplo este: «Tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade»<sup>11</sup>.

Estes exemplos abundam, ante tudo nos poemas de Álvaro de Campos, *nota bene* muito desiguais, já que entre muitos indubitavelmente bons poemas podemos encontrar também poemas que parecem um balbuciar do bêbado e é neles que o poeta coloca-se a si próprio no centro do universo e proclama a todo o mundo o seu génio. O poeta, especialmente na sua versão mais expressiva, por tanto de Álvaro de Campos, de forma permanente coloca-se por cima do mundo, expressa o seu desdém a ele, o tédio do mundo e cansaço.

Mesmo Saramago repara nesta obsessão de Pessoa quanto a sua pessoa, quanto a sua criação e dedica a este problema o seu melhor – segundo a minha opinião – romance, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Este romance além de ser um excelente panorama do Portugal de 1936, do ano da consolidação do poder nas mãos de Salazar e da construção dos fundamentos do Estado Novo, ao mesmo tempo é um livro sobre a obsessão de Fernando Pessoa, da obsessão da literatura e da importância do autor, da obsessão do próprio génio o qual manifesta-se neste fabuloso romance através da constante comparação de Pessoa com Camões, um ícone indiscutível de literatura portuguesa de antes de publicação de Pessoa. Qualquer coisa que aconteça neste livro encontra a sua alusão a Camões. Podemos encontrar ali uma data de citações do grande clássico, não só entrelaçados nas frases do romance mas também nas citações de Pessoa escondidas ao largo de todo o texto. O próprio facto de que o romance começa com duas citações dos dois poetas tem o seu significado. Para nós, os Polacos, que não temos muitas traduções nem de um nem do outro, estas citações na sua maioria não podem ser destacadas, o que empobrece a receção do livro. Um português medianamente formado é capaz de encontrar muitas destas referências, porque elas entraram ao português quotidiano. Temos aqui por tanto um diálogo-rivalidade entre Pessoa e Camões. Tudo na Lisboa descrita por Saramago gira em volta de Camões, todos os passeios de Ricardo Reis levam ao seu monumento, eventualmente ao monumento de Adamastor virado em direção ao Tejo, sendo isso uma clara alusão a *Os Lusíadas*, a grande epopeia camonianiana (Berrini, 1998: 78-86). Até mesmo quando Reis no final do livro decide voltar à prática médica, aluga um gabinete com as vistas ao monumento do príncipe dos poetas. Todos os caminhos, tanto estes na cidade como os de labi-

---

<sup>11</sup> «Ter uma acção sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha Vida», carta a Armando Côrtes Rodrigues do dia 19 de Janeiro de 1915 (Pessoa, 2007: 96-103).



rintos mentais do heterónimo e ortónimo juntam-se aos pés do vate, o qual contempla-os com o seu único olho. Aliás Saramago diz rotundamente «todos os caminhos portugueses vão dar a Camões» (Saramago, 1995a: 176). Talvez Pessoa ao escrever em 1912 que «[...] deve estar para muito breve o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos, desta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões<sup>12</sup>» não pensava em si, mas é difícil esperar que dedicando toda a sua vida a literatura, escrevendo cheios de amargura versos de Álvaro de Campos, versos cheios de desespero, lágrimas evidentes e delírio alcoólico, de verás não acreditava na sua grandeza, magnitude e supremacia. A obsessão da grandeza, mania de genialidade, necessidade de vencer ao espadachim zarolho, eis o tema principal d'*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, ou pelo menos uma de poucas possibilidades principais de leitura desta obra, a qual de forma alguma não resulta de uma má interpretação da poesia pessoana por Saramago.

*O Ano da Morte de Ricardo Reis* é um romance especial na obra de José Saramago, quanto à influência de Fernando Pessoa no Nobel luso, porque toda ela ou a sua base, se quisermos ler este texto como um panorama sociopolítico dos começos de salazarismo, está dedicada a Pessoa. O poeta em dois dos seus variantes está presente no romance desde o seu princípio até ao fim, no entanto este não é o único caso de obra saramaguiana na qual o autor de forma direta alude ao grande poeta ou simplesmente cita-o. Não por nada escrevemos acima que Saramago está consciente da influência de Pessoa na sua obra, consente com ela e aceita-a, cultiva-a em muitos romances através da introdução de motivos, referências ou versos concretos de Fernando Pessoa, por exemplo na *Jangada de Pedra* aparece uma linha dum dos versos de Álvaro de Campos (Saramago, 1994: 18) assim como uma humorística referência aos encontros de Fernando com Ricardo no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago, 1994: 30), no romance *A Caverna* encontra-se uma linha de Campos (Saramago, 2000: 251) e uma de Caeiro (Saramago, 2000: 337), no *Evangelho segundo Jesus Cristo* fica uma citação de Campos (Saramago, 1991: 22) e uma do ortónimo (Saramago, 1991: 389), no *Memorial do Convento* há uma alusão à *Mensagem* (Saramago, 1996: 191) assim como uma citação do Caeiro (Saramago, 1996: 129), no *Manual de Pintura e Caligrafia*, em muitos sítios faz-se alusão ao poema de Campos que começa com as palavras «Grandes são os desertos e tudo é deserto [...]», na *História do Cerco de Lisboa* há uma dúzia de estas referências – e no entanto trata-se tão só de exemplos mais evidentes, os mais visíveis.

Contudo, o caso mais interessante da presença de Pessoa no Saramago é o romance *O Homem Duplicado*, o qual não só tem o tema de forma evidente relacionado com a heteronímia de Pessoa, mas também podemos nele encontrar fragmentos de poemas

---

<sup>12</sup> *A Águia*, nº. 4, Abril de 1912, Pessoa debuta neste número como escritor, publicando cinco estudos sobre poesia portuguesa e vaticina o aparecimento do Supra-Camões.

que serviram ao autor como a fonte e inspiração para o tratamento deste tema. Trata-se de poemas de Álvaro de Campos *Pecado original*:

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? [...]  
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.  
Somos todos quem nos supusemos.  
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca. [...]  
Que é daquela nossa verdade, que só tenho a vida?  
Que é de mim, que sou só quem existo? (Pessoa, 2002: 483)

e *Dactilografia*:

Temos todos duas vidas —  
A verdadeira, que é a que sonhámos na infância,  
E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;  
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,  
Que é prática, a útil,  
Aquela, em que acabam por nos meter num caixão. [...]  
Na outra somos nós,  
Na outra vivemos;  
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer.  
Neste momento, pela náusea, vivo só na outra... (Pessoa, 2002: 485)

Parece que foram justamente estes dois poemas que inspiraram a Saramago para tecer a intriga do romance *O Homem Duplicado*. Evidentemente podemos também declarar que o motivo de duplicação, sósia ou uma artificial criação de uma personagem que é uma cópia de ser humano está de sobra explorado na literatura, por tanto a procura neste caso de influências de Pessoa pode ser um pouco exagerada. No entanto, não esqueçamos que Pessoa é Saramago, e se até não seja, as influências deste segundo em Saramago são tão fortes e tão frequentes que eu procuraria a fonte mais próxima da influência e não em Mary Shelley, Stevenson, na Bíblia, em Čapek, Michael Dibdin, nos filmes da classe B de Hollywood, ou até nas informações de prensa sobre a clonagem de ovelha Dolly. E mesmo que a clonagem da coitada da ovelhinha e o turbilhão das discussões sobre o assunto podiam convencer Saramago a tirar o pó do rançoso tema do sósia, a sua realização e alusões no texto de forma manifesta e irrefutável indicam a Pessoa. Por exemplo durante uma das conversas de Tertuliano Máximo Afonso com o bom senso diz-se: «Não é pseudónimo, é nome artístico, Já o outro também não quis a vulgaridade plebeia do pseudónimo, chamou-lhe heterónimo (Saramago, 2002: 81)». Está frase é uma discreta vénia, um piscar de olho na direção do poeta cujas ideias incluídas nos acima citados poemas constituem o lema de todo o romance, a ideia principal da obra, mas não exposta de forma manifesta, descarada ou evidente. O espírito de Pessoa paira sobre este romance desde o princípio até ao fim. Mesmo que no fim esteja mais visível, quando resulta que Tertuliano Máximo Afonso e Daniel Santa-Clara não são os únicos sócias (heterónimos)

que existem na cidade, que há mais um. Será o número três uma coincidência? Não será uma alusão a Caetano, Campos e Reis? Talvez o autor não teve esta ideia, talvez queria mostrar que as possibilidades da multiplicação são infinitas – porque enquanto existem dois sócios, de forma natural temos inclinação ao pensamento que se trata de um acidente, um capricho da natureza, mas o aparecimento do terceiro abre as portas para a incerteza, para o mistério, para o insólito, para o infinito. Porque quantos mais Tertulianos Máximos Afonsos vai haver? Serão 72 como querem os, já acima referidos, escrupulosos contadores de heterónimos de Fernando Pessoa? Ou talvez 150? Ou 366 – um para cada um dia do ano?

Não interessam as conclusões que tirarmos, o que vamos entrever, vislumbrar entre as linhas do romance de Saramago, uma coisa está certa, *O Homem Duplicado* ao lado de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é o livro do Nobel português onde encontramos uma excepcional abundância de provas de inspiração no grande poeta.

\* \* \*

No presente artigo unicamente indicámos, esboçámos o tema de influência de Pessoa na criação literária de José Saramago. Acho que ainda haverá tempo e lugar para trabalhar este assunto de forma mais detalhada. No entanto, parece-me que já esta curta apresentação, está indicação de relações entre a vida e a obra dos dois grandes escritores portugueses do séc. XX, provam que sem Fernando Pessoa não existiria a obra de José Saramago tal como a conhecemos. Para resumir, sem cair no exagero podemos declarar que da mesma forma como para o Ricardo Reis do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* que deambula por Lisboa e pelos meandros de pensamentos e poesia não existe uma possível fuga de Camões, da mesma maneira para Saramago não há fuga possível de Pessoa.

#### BIBLIOGRAFIA

- BERRINI, Beatriz (1998): *Ler Saramago: o romance*. Lizbona: Caminho.
- CAVALCANTI Filho, José Paulo (2012): *Fernando Pessoa, uma Quase-autobiografia*. Porto: Porto Editora.
- COHEN, Sara (2002): *El silencio de los poetas: Pessoa, Pizarnik, Celan, Michaux*. Buenos Aires: Ed. Biblos.
- GASPAR SIMÕES, João (1950): *Fernando Pessoa. História duma Geração*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- PESSOA, Fernando (1985): *Obras em Prosa*, Organização, introdução e notas de Cleonice Bernardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- PESSOA, Fernando (2002): *Álvro de Campos, Poesia*. Ed. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2007): *Cartas*. ed. R. Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SARAMAGO, José (1991): *Evangelho segundo o Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho.

- SARAMAGO, José (1994): *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1995a): *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1995b): *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1996): *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1997): *Todos os Nomes*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1998): *O Manual de Pintura e Caligrafia*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2000): *A Caverna*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2002): *O Homem Duplicado*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2004): *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa: Caminho.